

Contribuições de Antonio Brand¹ para a história indígena, para o indigenismo e para a consolidação das instituições de pesquisa em Mato Grosso do Sul²

Levi Marques Pereira*

Conheci o professor Brand, em 1982, quando ele vivia na casa paroquial no distrito de Vila São Pedro, Dourados, MS. Na época, ele coordenava o Conselho Indigenista Missionário, CIMI, em MS e desenvolvia um projeto piloto com roças na Reserva Indígena de Caarapó. Antecipando preocupações que ganhariam centralidade na agenda política dos Kaiowá e Guarani em décadas futuras, Brand já se empenhava em apoiar a construção da organização indígena. Na época, esse esforço era capitaneado pela nascente União das Nações Indígenas (UNI), organização indígena com grande projeção nacional na Constituinte de 1988, e na movimentação política que a antecedeu. Em 1982, eu iniciava minha vida profissional como técnico em agropecuária na Reserva Indígena de Dourados e conheci Brand na casa do agrônomo Áureo Batista Brianezzi, coordenador do projeto Tapeporã, mantido pela Igreja Metodista, no qual trabalhava. Nessa época, era comum Brand solicitar a entrega de recados ou correspondência na casa de Marçal de Souza Guarani, amigo e apoiador do trabalho que então realizava. No início dos anos 1980, tive a oportunidade de participar de algumas reuniões na Vila São Pedro, quando Brand convocava os indigenistas que atuavam na região para discutirem os principais problemas que afligiam os Kaiowá e Guarani, propor a troca de experiências e pensar pautas de atuação comum.

¹ Antonio Jacó Brand, 63 anos, faleceu no dia 3 de julho de 2012, em Porto Alegre, RS.

² Agradeço as professoras Veronice Lovato Rossato e Eva Maria Luiz Ferreira pela colaboração na redação do presente texto.

* Universidade Federal da Grande Dourados.

A atuação profissional do professor Brand é indissociável de sua história de vida, profundamente marcada pelo compromisso político com a defesa dos direitos sociais e, em especial, dos direitos indígenas. Ele fez sua formação universitária em História (1973-1977) na UNISINOS-RS, instituição que lhe proporcionou a compreensão do contexto político vivido no Brasil na década de 1970, marcado pelo regime político de exceção, iniciado em 1964.

A formação universitária proporcionou-lhe o conhecimento da história dos índios no Brasil, pois a preocupação com a situação dos índios já fazia parte de sua militância política. Isto porque seu envolvimento com os povos indígenas iniciou-se ainda no fim da década de 1960, quando, junto com um grupo de religiosos e defensores dos direitos humanos, fundaram a Operação Anchieta (OPAN)³, uma organização indigenista. Em 1972, a OPAN desmembrou-se, sendo que a ala mais vinculada ao universo clerical da Igreja Católica formou o Conselho Indigenista Missionário, órgão existente até os dias de hoje e filiado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Brand trabalhou no CIMI da década de 1970 até início dos anos 1990, quando decidiu seguir a carreira acadêmica.

Concluiu o mestrado em 1993 e o doutorado em 1997. Sua pesquisa de mestrado (Brand, 1993) identifica, qualifica e analisa fontes documentais sobre a expansão das frentes de ocupação econômica no sul do atual estado de Mato Grosso do Sul. Até então, tais fontes eram pouco conhecidas e raramente utilizadas pelos pesquisadores. De modo convincente, apresenta as provas documentais de como se deu a expropriação das terras kaiowá e guarani em MS, proporcionando uma contribuição fundamental para o entendimento da história recente dessas duas etnias. A tese de doutorado (Brand, 1997) desenvolve-se em duas direções: (a) a descrição aprofundada dos processos históricos que levaram à expropriação dos territórios kaiowá e guarani no MS, agora contemplando a compreensão que os próprios índios elaboram sobre esse processo, através do registro de narrativas de lideranças que o viveram, e; (b) a análise dos impactos que a perda do território exerceu sobre a organização social e as práticas culturais dessas etnias. Na apresentação dos territórios expropriados, localiza mais de 100 antigos *tekoha* – áreas tradicionais, apontadas por indígenas como sendo locais por eles ocupados e dos quais teriam sido expulsos pela ocupação colonial do século passado.

A dissertação e a tese questionam as bases de legitimação da complexa situação fundiária das propriedades particulares⁴ estabelecidas sobre terri-

³ A OPAN existe até hoje, sendo renomeada para Operação Amazônia Nativa, mas mantendo a mesma sigla. Brand sempre se manteve como colaborador da OPAN, participando de suas assembleias.

⁴ A lei estadual n. 725 de 1915 permitia a legalização da posse de até dois lotes de 3.600 hectares cada, na área sob concessão da Companhia Matte Laranjeira. Essa lei inaugura uma corrida entre

tórios indígenas no sul de MS. De modo cabal, evidenciam vícios originados nos processos de esbulho das terras indígenas que, não raro, contava com a participação efetiva de agentes do próprio órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Não por acaso, tais pesquisas foram identificadas como uma espécie de “documento” de apoio à luta dos indígenas para terem de volta os seus territórios tradicionais, situação que o deixava em constante vigília social, considerando a ameaça que costuma pairar sobre os que apoiam os direitos indígenas, notadamente à terra.

Em sua produção acadêmica, o professor Brand soube, com humildade e sabedoria, elucidar o sentido dos documentos e usar a sua escrita para colocar no papel a fala dos índios, consolidando-as como patrimônio para a posteridade. As narrativas que registrou se transformaram em documentos, extensamente utilizados por outros pesquisadores acadêmicos e em relatórios técnicos produzidos para a administração pública e para o judiciário. Entretanto a consideração do impacto gerado pelos seus textos deve levar em conta a leitura que deles fazem os próprios indígenas. Nessa leitura, encontram inspiração para refletirem sobre as transformações nas quais estão envolvidas suas próprias comunidades. É muito comum ouvir dos índios frases do tipo: “como escreveu o professor Brand, o confinamento obrigou a gente a...” e dizem isto porque reconhecem em seus textos as mensagens de seus pais e avós, com a explicação da história vivida por inúmeras comunidades e a exortação para sempre estarem atentos à importância da prática do modo de ser indígena – *ava reko* – e dos perigos representados pela incorporação irrefletida do modo de ser do não índio – *karai reko* –, por eles considerado como repleto de armadilhas. Assim, na leitura de Brand, os índios encontram referências importantes para a compreensão da história pregressa de suas comunidades e para a compreensão das transformações nas quais o sistema social kaiowá e guarani atual está envolvido.

Nos trabalhos acadêmicos de Brand, emerge a interpretação vigorosa dos documentos de instituições públicas como Serviço de Proteção ao Índio, governo do antigo estado de Mato Grosso, de historiadores memorialistas e da Companhia Matte Larangeira. Sua obra rompe de vez com o amadorismo predominante na história indígena regional, muitas vezes embasada numa leitura fragmentada das fontes documentais. Ao mesmo tempo, impõe certas exigências aos novos pesquisadores, pois, se querem avançar, devem partir do ponto até onde seus estudos progrediram e seguir os inúmeros *insights* e

fazendeiros interessados em adquirir propriedades na região, gerando enorme especulação imobiliária, corrupção no órgão responsável pela legalização de terras e violência entre requerentes de terras. A presença indígena não se constituiu em impedimento para a regularização das terras. Vale lembrar que é com base nessa mesma lei que o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) requereu e regularizou as oito pequenas reservas demarcadas no sul de MS entre 1915 e 1928.

sugestões de pesquisa encontradas em sua obra. O ineditismo do seu trabalho aparece na proposta metodológica que conjuga a análise dos documentos com a interpretação das narrativas indígenas. Tal combinação resulta na explicação lúcida e convincente do modo como se deu a expropriação das terras de ocupação tradicional das comunidades kaiowá e guarani do cone sul de MS.

Os trabalhos de Brand constituíram um divisor de águas na historiografia regional, e sua obra é seminal para a escrita da história kaiowá e guarani contemporânea. Ele demonstrou como o avanço das frentes de expansão econômica na região sul de MS caminhou *pari passu* com a expropriação do território de ocupação tradicional kaiowá e guarani, gerando enormes impactos negativos sobre suas comunidades, cujos efeitos perduram até os dias atuais. É nesse sentido que a elucidação desse processo contribuiu para a elevação da historiografia regional a novo patamar de excelência, superando o amadorismo e as visões parciais até então predominantes.

Mas como ele teria encontrado o caminho (método) para conseguir o êxito que teve na elucidação da história da expropriação do território indígena? O professor Bartomeu Melià parece fornecer a resposta: o segredo estaria em “ler a história como se a escutasse dos próprios índios”. Ainda segundo Melià, o professor Brand “encontrou a palavra-chave que explica essa triste história: confinamento. Os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso estavam confinados em suas reservas; esta era sua colônia do século XX. Os Guarani sabiam disso, embora não tivessem os meios para dizer isso a essa outra sociedade que havia invadido e usurpado os seus territórios”. Na língua guarani, o termo que corresponde ao processo que gerou o confinamento seria *sarambi* (“esparramo”), termo registrado por Brand, que soube retirar dele toda a força explicativa para o processo de perda do território.

Os trabalhos de Brand inauguraram uma nova compreensão do lugar das populações indígenas em MS. Após a divulgação de seus trabalhos, uma leva de pesquisadores vem se dedicando a explorar aspectos da história da presença indígena em MS, ali identificados. Tais pesquisas são desenvolvidas tanto nos programas de pós-graduação das instituições públicas e particulares radicadas em MS, quanto em programas de universidades sediadas em outras regiões do Brasil e no exterior. Só para ficar em alguns exemplos, o resultado pode ser encontrado na produção acadêmica de Pereira (1999 e 2004), Ferreira (2007), C. Pacheco (2009), Lourenço (2009), Lutti (2009), Rossato (2002), entre outros.

A contribuição de Brand foi muito além de seus escritos. Como professor, conferencista, orientador e membro de bancas de avaliação de pesquisas de pós-graduação, ajudou a formar uma geração de novos pesquisadores, que aprofundaram diversos problemas enunciados em suas pesquisas. Atuou decisivamente na formação de professores indígenas, durante vários

anos, atividade que considerava de enorme relevância social, sendo um dos idealizadores do curso superior de Licenciatura Intercultural Teko Arandu/UFGD. Mesmo com seu prestígio nacional e internacional, nunca se furtou a colaborar voluntariamente em situações que considerasse relevantes para a formação histórica e política dos estudantes e professores indígenas, ainda que em eventos promovidos por instituição pública, como o Curso Normal Médio Ára Verá, proporcionando aos alunos indígenas o encontro com sua própria história, momentos de intensa comoção entre eles. Orientou vários alunos indígenas, sempre preocupado em apoiá-los na reflexão sobre a história de suas comunidades. Na UCDB, acompanhou, estimulou e orientou trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Foi também gestor de exímia competência. Através do Programa Rede de Saberes, apoiou o ingresso e permanência de acadêmicos índios nas universidades em MS. Com muita paciência, explicava aos pesquisadores em formação o passo a passo da metodologia da pesquisa, as técnicas de análise de documentos e a maneira como deveriam proceder nas entrevistas, sempre chamando a atenção para o necessário respeito no ato de ouvir os membros mais velhos das comunidades indígenas. Pode-se dizer que criou uma metodologia inovadora, pautada pela preocupação com a delicadeza no trato com os sujeitos pesquisados e com o respeito aos seus saberes e experiências. Na pós-graduação, orientou e coorientou dissertações e teses de indígenas, em várias áreas do conhecimento como história, sustentabilidade e educação, temas entre os quais transitava com maestria.

Transformou a universidade em espaço de visibilidade para os povos indígenas com a realização de eventos nacionais e internacionais sobre temas como diversidade cultural, sustentabilidade, educação, conhecimentos tradicionais e presença indígena na academia. Dessa forma, os índios passaram a participar de discussões num “novo espaço”, nunca antes por eles ocupado. Com o apoio de Brand, os acadêmicos indígenas encontraram na academia um espaço favorável à investigação dos conhecimentos praticados pelos especialistas de suas próprias culturas, que, na maioria dos casos, não passam pelo letramento. Nesse sentido, os pesquisadores indígenas não se viam constrangidos à repetição de conhecimentos alheios à realidade de suas comunidades, mas foram estimulados e preparados para a prática da interculturalidade, na conexão e trânsito entre o sistema de conhecimento indígena e o sistema de conhecimento da academia.

Os eventos que coordenou sempre foram momentos de interlocução entre os povos indígenas, pesquisadores e educadores de diferentes níveis, sendo que, em tais momentos, sempre enfatizava a importância da convivência entre os diferentes saberes. Gozava de enorme prestígio e reconhecimento entre pesquisadores de instituições renomadas e sempre procurava atraí-los

para eventos que consolidassem a presença dos índios na universidade, que valorizassem suas culturas e apoiassem a luta pelo reconhecimento de seus direitos.

Por 16 anos, coordenou o Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas, NEPPI, da Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, um núcleo que engloba vários Programas e Projetos de pesquisa e extensão, voltados para a defesa e a garantia de direitos das sociedades indígenas. Em sua gestão compartilhada com a equipe, empenhou-se para que o NEPPI se transformasse em espaço de discussão e encaminhamento de questões relacionadas às populações indígenas em MS, formando redes interinstitucionais que garantissem o respeito à diversidade e contribuíssem para a implantação de políticas públicas, com o fim último do fortalecimento do acesso aos direitos dessas populações.

Antes mesmo da criação do NEPPI e graças a suas inúmeras articulações interinstitucionais, Brand criou e coordenou o Programa Kaiowá/Guarani, na Terra Indígena Te'ýi Kue, em Caarapó, mudando a ideia cristalizada entre os índios de que "projeto" era sinônimo de dinheiro ou de implantação de roças, envolvendo equipamentos e insumos como ferramentas, trator, sementes, óleo diesel, cestas básicas etc. Esse programa é de amplo espectro, englobando atividades nas áreas da educação escolar, da sustentabilidade alimentar, recuperação ambiental de microbacias, contenção de fogo, viveiro de mudas e reflorestamento, reestruturação tradicional de fundo de quintais, além da unidade experimental onde estudantes indígenas têm a oportunidade de ter contato com atividades ligadas à terra e ao plantio, uma vez que estas já não fazem parte da rotina das novas gerações. Além disso, dava apoio a inúmeras atividades locais de iniciativa dos seus moradores, como o Fórum de Educação, que acontece todos os anos, no mês de abril, no qual são discutidos temas relevantes para a comunidade. Foi também *locus* privilegiado de pesquisas realizadas por pesquisadores diretamente vinculados ao programa e por outros. Ali também Brand exerceu com firmeza sua metodologia de trabalho: nada poderia ser feito sem a participação decisiva dos indígenas, com levantamento de dados, amplas e aprofundadas discussões sobre a situação e a proposta a ser implementada, além de um rigoroso planejamento com avaliações constantes. O Programa na Terra Indígena Te'ýi Kue se constitui em experiência única e modelar, passando a ser utilizada como parâmetro para Programas desenvolvidos por outras organizações e também como paradigma organizacional para comunidades indígenas radicadas em outras terras indígenas.

Em breves palavras, esse é o legado do professor Brand, que terá continuidade, pois segue inspirando grande número de pesquisadores e de indigenistas. Como amigo, deixa saudades e o exemplo de uma vida dedica-

da ao projeto humanista de solidariedade aos povos indígenas. Quem teve o privilégio de conviver com Antonio Brand pode atestar a consistência e coerência de seus ideais, que ele soube defender com paciência e diplomacia ímpar. Sua presença nos principais eventos e fóruns de discussão ou de decisões envolvendo interesses dos povos indígenas era tranquilizadora, garantia de sugestões de encaminhamentos de soluções sensatas e éticas. Sentimo-nos coparticipantes de seus ideais, que seguirão sempre inspirando nossas práticas. Continuará sendo *ñane ramõi, ñande jekoha* (nosso avô, aquele em quem nós nos apoiamos). Assim, esperamos superar a dor e o vazio de sua partida precoce.

Bibliografia

BRAND, Antonio J. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. Tese (Doutorado em História) – PUC/RS, Porto Alegre, 1997.

_____. *O confinamento e seu impacto sobre os Paì-Kaiowá*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC/RS, Porto Alegre, 1993.

FERREIRA, Eva Maria L. *A participação dos índios Kaiowá e Guarani como trabalhadores nos ervais da Companhia Matte Laranjeira (1902-1952)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, 2007.

LOURENÇO, Renata. *A política indigenista do Estado Republicano junto aos índios da reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929-1968)*. Dourados: UEMS, 2008.

LUTTI, Aline Castilho C. *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowá no município de Dourados-MS (1990-2009)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados, 2009.

PACHECO, Carlos R. *A dinâmica territorial e os processos de (re)construção da terra indígena Jaguapiré Memby em Tacuru/MS: a ação do Estado e os conflitos de interesses entre indígenas e trabalhadores rurais sem terra (1954-2009)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados, 2009.

PEREIRA, Levi M. 2004. *Imagens Kaiowá do Sistema Social e seu Entorno*. Tese (Doutorado em Antropologia) – FLLCH/USP, São Paulo, 2004.

_____. *Parentesco e organização social Kaiowá*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – IFCH/UNICAMP, Campinas, 1999.

ROSSATO, Veronice L. *Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul: será o letrado ainda um dos nossos?* Dissertação (Mestrado em Educação) – UCDB, Campo Grande, 2002.

